

ROBIN COOK CURA

Tradução de
Renato Prelorentzou



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

25 DE MARÇO DE 2010
Quinta-feira, 5h25

Laurie Montgomery rolou de lado e olhou para o despertador. Ainda não eram cinco e meia da manhã e o alarme só soaria dali a meia hora. Sob circunstâncias normais, ela ficaria feliz por poder rolar na cama e voltar a dormir. Durante toda a vida fora uma pessoa notívaga, incurável, que não conseguia pegar no sono e tinha ainda mais dificuldade para acordar de manhã. Mas este não seria um dia normal. Seria o primeiro dia de volta ao trabalho depois uma licença-maternidade inesperadamente longa, de quase vinte meses.

Depois de uma olhadela para o marido, Jack Stapleton, que dormia a sono solto, Laurie gentilmente tirou as pernas de sob o edredom e pôs os pés descalços no frio chão de madeira. Por um breve instante, pensou em voltar de novo para debaixo das cobertas quentinhas. Mas resistiu, apertou ainda mais a camiseta de Jack em torno do tronco e se dirigiu silenciosamente para o banheiro. O problema era que não tinha jeito de voltar a dormir, pois sua mente já estava a mil por hora. Sentia uma grande perturbação, uma ambivalência sobre voltar ao trabalho. Sua maior preocupação era o filho, John Junior, que acabara de completar um ano e meio, pois não sabia se era adequado deixá-lo com uma babá durante dias que seriam, muitas vezes, bem compridos. Mas também havia uma questão pessoal, um verdadeiro medo de que sua competência já não fosse a mesma após uma pausa surpreendentemente longa: será que ela ainda seria capaz de fazer seu trabalho como médica-legista no que ela considerava o mais prestigiado instituto médico-legal do país, talvez do mundo?

Laurie trabalhava no IML, Instituto Médico-Legal da cidade de Nova York, havia quase duas décadas. Autoconfiança nunca tinha sido seu forte,

desde os tempos de adolescência. Quando havia começado a trabalhar no IML, ficara preocupada com sua competência para exercer um cargo tão exigente e desafiador, e não conseguira superar essa preocupação por muitos anos, muito tempo depois de seus colegas já terem resolvido temores similares. Patologia forense era um campo em que leitura e estudo não eram suficientes. A intuição tinha um papel fundamental para a boa prática do ofício, e ela vinha com a experiência. Todos os dias, um bom patologista forense era confrontado com algo que jamais tinha visto.

Laurie se analisou no espelho e gemeu. Do seu ponto de vista, estava com uma aparência terrível, com círculos escuros sob os olhos e uma palidez que seria mais apropriada para um de seus pacientes. A maternidade vinha sendo mais difícil e extenuante, física e mentalmente, do que ela poderia ter imaginado, em especial por ter que lidar com uma doença séria e quase sempre fatal. Ao mesmo tempo, também vinha sendo mais gratificante.

Tirou o robe do cabide atrás da porta e o vestiu, e escorregou os pés para dentro dos chinelos que tinham pompons cor-de-rosa. Achou graça dos calçados. Eram a última lembrança de um tempo em que ela conseguia se sentir sexy de lingerie e curtir o momento. Distraída, ela se perguntava se aquela sensação voltaria algum dia. Virar mãe tinha mudado sua ideia de si mesma em muitos âmbitos.

De volta ao corredor, Laurie foi até o quarto de JJ. A porta estava entreaberta e ela entrou no cômodo, que estava claro o bastante para que ela pudesse enxergar. A aurora se aproximava, porém, mais importante que isso, havia várias luzinhas de noite bem distribuídas ao longo dos rodapés. Graças à sua mãe, o quarto estava decorado com papel de parede azul e cortinas da mesma cor, repletas de desenhos de aviões e caminhõezinhos.

O mobiliário se resumia a uma cadeira de balanço, que Laurie tinha usado para amamentar, uma cesta envolta em bordados e um berço. A cesta estava ali só por razões sentimentais, assim como a cadeira de balanço, mas às vezes ela ainda a usava, quando JJ estava agitado e precisava da presença da mãe para adormecer.

Aproximando-se do berço, Laurie admirou o filho, grata por sua feição saudável. Ela podia se lembrar com arrepios de quando as coisas eram diferentes. Aos 2 meses de idade, JJ recebera um diagnóstico de neuroblastoma de alto risco, um câncer infantil muitas vezes fatal. Mas Laurie podia agradecer às estrelas, ou a Deus, ou a quem ou o que quer que fosse, pois o câncer havia desaparecido. Se tinha sido por intervenção divina de um curandeiro

de Jerusalém, pela dedicação dos médicos do Sloan-Kettering ou pelo fato de que os neuroblastomas podem, às vezes, sumir espontaneamente, Laurie jamais saberia e, na verdade, nem se importaria em saber. Para ela, a única coisa importante era que JJ agora se tornara um saudável garoto de um ano e meio, cujos crescimento e desenvolvimento, apesar da quimioterapia e do chamado tratamento por anticorpo monoclonal, haviam atingido patamares normais em todos os aspectos, o suficiente para que Laurie pensasse em voltar ao trabalho.

Observando a criança que dormia em paz, um sorriso surgiu no rosto de Laurie, apesar das preocupações e ambivalências com o retorno ao trabalho. O rosto angelical de JJ a lembrava da conversa que tivera com Jack na noite anterior, quando eles foram ao quarto de JJ para ver se o bebê estava bem antes de também irem dormir. Enquanto olhavam para o garoto, ela admitiu algo que jamais havia falado para ninguém: ela tinha tanta certeza de que JJ era a criança mais linda do mundo que não entendia como as outras mães do parquinho da rua nunca tinham comentado sobre isso.

— É tão óbvio — dissera para Jack.

Para sua surpresa, a resposta do marido fora uma gargalhada tão alta que ela tivera que o repreender para não acordar o bebê. Jack só havia explicado sua reação depois de os dois terem saído pé ante pé para o corredor. A essa altura, Laurie já se sentia indignada, achando que Jack estava tirando sarro de sua cara.

— Me desculpe — disse ele. — Você me mata de rir. Não vê que todas as mães pensam exatamente do mesmo jeito?

A indignação de Laurie sumiu rapidamente, assim como seu olhar bravo.

— O amor de mãe deve estar em algum lugar do nosso genoma — prosseguira Jack. — Caso contrário, nossa espécie não teria passado pela era do gelo.

De volta ao presente, Laurie percebeu que não estava sozinha no quarto de JJ. Virando a cabeça, fitou o rosto sombrio de Jack. Tudo o que ela podia enxergar eram as partes brancas de seus olhos, embora houvesse luz o bastante para ver que ele estava totalmente nu.

— Você acordou cedo — falou Jack. Ele sabia que Laurie gostava de acordar tarde, e fazia parte da rotina dos Stapleton ele acordar primeiro, tomar banho e depois cutucar Laurie para fora da cama. — Você está bem?

— Nervosa — admitiu Laurie. — Muito nervosa!

— Mas com o que, meu Deus? — indagou Jack. — Por deixar JJ com Leticia Wilson? — Leticia Wilson era prima de Warren Wilson, um dos vizinhos com quem Jack sempre jogava basquete. Warren a indicara poucos dias antes, quando Jack tinha mencionado que estavam procurando uma babá, para que Laurie pudesse voltar ao trabalho.

— Por isso também — respondeu Laurie.

— Mas você disse um dia desses que já tinha feito a chamada prova de fogo e que tudo havia ido muito bem.

Laurie pedira a Leticia para vir cuidar de JJ durante dois dias, dar comida a ele, levá-lo ao parque, tanto ao parquinho da rua quando ao Central Park, e ficar com ele até a hora em que Laurie achava que voltaria do IML. Não ocorrera nenhum problema e, o melhor de tudo, JJ e Leticia tinham se dado muito bem e pareciam ter gostado um do outro.

— Foi tudo bem — disse Laurie —, mas isso não quer dizer que eu ainda não me sinta culpada com a situação. Sei que vou sofrer com o dilema maternal, o que quer dizer que, quando eu estiver aqui com JJ, vou me sentir culpada por não estar no trabalho; mas hoje, quando estiver lá trabalhando, vou me sentir culpada por não estar em casa. JJ vai sentir saudade da mamãe, assim como a mamãe vai sentir saudade do JJ. Além disso, apesar de ele já estar há um ano sem sintomas, fico sempre preocupada com uma recaída. Acho que vou ficar para sempre com a suspeita de que a recuperação dele teve alguma coisa mística a ver com a minha presença.

— Acho que é compreensível — aquiesceu Jack. — Qual é a outra parte do seu nervosismo? Não tem nada a ver com o pessoal do IML, tem? Quer dizer, todo mundo lá está esperando ansiosamente por sua volta, todo mundo mesmo, do Bingham até o pessoal da segurança. Todos com quem conversei falaram sobre o seu retorno hoje.

— De verdade? — perguntou Laurie, sem acreditar. Ela achava que era um enorme exagero, especialmente a parte do Bingham, a quem ela sabia que às vezes desconcertava com seu espírito independente e obstinado.

— De verdade! — repetiu Jack, animado. — Você é uma das pessoas mais queridas do IML. Se está nervosa, não pode ser porque vai voltar para a equipe. Tem que ser alguma outra coisa.

— Bem, talvez você esteja certo — admitiu Laurie, com relutância. Ela tinha certeza do que ele iria falar se ela confessasse suas preocupações sobre a

própria competência, mas não sabia se era o que gostaria de ouvir, pois nada do que ele dissesse a faria se sentir diferente.

— Vamos continuar essa conversa — falou Jack, com a voz trêmula. — Mas pode ser no banheiro quentinho? Estou congelando aqui, vestindo nada além do meu orgulho.

— Boa ideia! — disse Laurie. — Vamos lá! Também estou congelando, mesmo vestindo o robe. — Depois de puxar o cobertor de JJ até os ombros do filho, ela correu atrás de Jack, que tinha voado para o banheiro. Quando chegou lá, ele já estava com a torneira de água quente aberta até o máximo, enchendo o espaço com um vapor ondulante.

— Então, o que mais a está deixando nervosa? — perguntou Jack, elevando a voz acima do barulho do chuveiro, enquanto ajustava a temperatura antes de entrar. — E não me venha com preocupações sobre a sua competência, porque eu não quero ouvir nada do tipo. — Ele vinha escutando essa conversa sobre medo de incompetência desde que ela começara no IML e era intuitivo o bastante para saber que era isso o que a vinha incomodando de novo.

— Então não vou falar nada — gritou Laurie em resposta.

Jack tirou o rosto da torrente de água, enxugou os olhos e abriu a porta do box:

— Então é medo das próprias habilidades! Bem, não vou ficar aqui tentando fazer você mudar de ideia, porque sei que nada do que eu disser vai surtir qualquer efeito, portanto, você pode continuar se preocupando. Mas fique sabendo de uma coisa, o fato de se preocupar com isso é provavelmente o que faz de você uma excelente médica-legista. Você é a melhor patologista forense do instituto inteiro, na minha opinião, porque está sempre procurando questionar e aprender.

— Fico lisonjeada de ouvir você dizer essas coisas, embora não acredite em uma palavra. Eu era até boa antes dessa licença-maternidade, mas já tem quase dois anos que não faço uma necropsia e não olho num microscópio.

— Até pode ser, mas você passou o último mês fritando os miolos com livros forenses. Provavelmente está mais atualizada que qualquer um de nós, que não folheamos um livro há anos. Você até conseguiria passar nas provas do conselho de novo, coisa que nenhum de nós seria capaz.

— Obrigada pelo apoio — falou Laurie. — Mas ler e fazer na prática são coisas extremamente diferentes. Estou preocupada de verdade em acabar fazendo uma grande besteira, de alguma forma, talvez até no meu primeiro caso.

— Nunca poderia acontecer! — sentenciou Jack, com segurança. — Não com você, com toda a sua experiência. Mas veja, vamos tentar trabalhar nos nossos casos em mesas vizinhas e ir conversando sobre o que estamos fazendo. Aí, depois das necropsias, a gente repassa junto, só para ter certeza de que acertamos em tudo. O que você acha da ideia?

— Gostei. Gostei muito. — A ideia não a livrava de suas aflições, mas as amenizava. Mais importante, aliviando um pouco seu nervosismo, ela sabia que seria capaz de voltar sua atenção para o que precisava fazer antes de sair para o IML. Leticia estava para chegar em menos de uma hora, e Laurie tinha muito o que fazer antes disso.

2

25 DE MARÇO DE 2010

Quinta-feira, 18:57

Kobe, Japão

Akira, o motorista de Hisayuki Ishii, passou pela rotatória diante do Hotel Okura Kobe e parou em frente à entrada principal. Estacionado na frente deles estava o primeiro carro do comboio que transportara o *oyabun* da Aizukotetsu-kai e seu *saiko-komon*, Tadamasa Tsuji, pelos 75 quilômetros que separam Kyoto de Kobe. Os guarda-costas desceram do primeiro veículo, todos eles com as mãos enfiadas dentro dos paletós, segurando as coronhas de suas armas, prontas para serem sacadas em caso de emergência. Ninguém se sentia confortável visitando Kobe, a cidade sede da Yamaguchi-gumi, braço rival da Yakuza, especialmente para um encontro de improviso com o *oyabun* da outra organização. Se a Yamaguchi-gumi quisesse, seria a melhor oportunidade para armar uma emboscada contra eles.

Akira desceu do carro, deu a volta no LS 600h L blindado de Hisayuki e mandou o rapaz do hotel se afastar. Hisayuki preferia que o próprio motorista abrisse a porta, para evitar qualquer surpresa desagradável. Logo atrás veio o terceiro carro, com um grupo adicional de guarda-costas.

A movimentação desde o veículo até a entrada do hotel aconteceu em segundos. Lá dentro, Hisayuki foi formalmente recebido pelo gerente-geral e guiado até um elevador privativo, junto a seu *saiko-komon* e dois de seus comandados mais leais, até a cobertura, onde foram escoltados até uma sala de jantar reservada. Ali Hisayuki foi recebido por seu equivalente, o *oyabun* da Yamaguchi-gumi, Hiroshi Fukazawa. Este também estava acompanhado por seu *saiko-komon*, um homem de óculos que atendia pelo nome de Tokutaro Kudo, o qual, por seu corpo diminuto, fazia o chefe parecer um gigante.

Na verdade, Hiroshi era mesmo grande. Apesar de não ser gigante, era quase uma cabeça mais alto que Hisayuki, e tinha um rosto largo e sério. Estava tão elegante quanto seu convidado, vestindo um refinado terno em estilo europeu.

Além dos dois líderes, de seus respeitáveis *saiko-komon* e dos dois guarda-costas pessoais de cada um, as outras pessoas da sala incluíam um gerente do hotel, um garçom e um chef de cozinha. O chef, vestido todo de branco, sem qualquer mancha e com um barrete bem engomado, esperava pacientemente no meio de uma mesa de jantar em forma de U com uma grelha embutida. A mesa ficava no extremo da comprida sala, perto da janela. Do lado de fora se estendia uma vista arrebatadora da baía de Osaka, com o porto de Kobe em primeiro plano.

Depois dos cumprimentos rituais típicos e da troca de cartões de visita, Hiroshi fez um gesto para indicar aos dois convidados que se sentassem perto da entrada da sala, bem ao lado do lavabo. Ao se encaminhar para uma das poltronas, Hisayuki não pôde deixar de notar que Hiroshi não fez questão de se curvar em uma breve reverência um pouco mais baixa que ele próprio, uma tradição, já que Hisayuki era evidentemente o mais velho no recinto. Ficou se perguntando se a desfeita era deliberada ou acidental e, caso deliberada, se era um sinal de desrespeito ou apenas uma sutil afirmação de que Hiroshi não se considerava obrigado a cumprir as antigas regras culturais da Yakuza.

— Esta é uma surpresa das mais agradáveis, Ishii-san — disse Hiroshi, assim que os quatro já estavam sentados e tinham pedido sua marca predileta de uísque escocês. Os quatro guarda-costas foram para lados opostos da sala, encarando uns aos outros.

— Obrigado por concordar em nos ver após um convite sem qualquer antecedência, Fukazawa-san — comentou Hisayuki, fazendo mais uma breve reverência.

— É bom ver que está tão bem. Há muito tempo não nos encontrávamos, meu amigo.

— Faz mais de um ano. Não deveríamos ser tão displicentes. Afinal, menos de 80 quilômetros nos separam.

As gentilezas continuaram até o garçom trazer seus respectivos copos de uísque. Quando ele se retirou, o tom mudou. Não era evidente, mas era perceptível.

— O que podemos fazer pelo *oyabun* da Aizukotetsu-kai? — perguntou Hiroshi, com um tom de voz mais entrecortado e impaciente que aquele que vinha usando até então.

Hisayuki pigarreou para limpar a garganta e hesitou por um instante, como se houvesse aguardado até aquele momento para decidir o que queria dizer.

— Alguns dias atrás... três, para ser mais exato... fui chamado a Tóquio para um encontro com Daijin Kenichi Fujiwara-san.

— O vice-ministro Fujiwara? — questionou Hiroshi, com uma surpresa silenciosa. Lançou um breve olhar para seu *saiko-komon* e recebeu um leve dar de ombros em resposta, sugerindo que ele estava igualmente surpreso. Um encontro governamental desse nível com um *oyabun* da Yakuza era algo tão raro quanto uma lua azul.

— Exatamente! O vice-ministro da Economia, Comércio e Indústria — respondeu Hisayuki. Ele se inclinou para a frente e fez contato visual com seu anfitrião. Sabia que tinha toda a atenção daquele homem. — O vice-ministro me contou várias coisas surpreendentes e desconcertantes sobre as quais precisamos conversar. Primeiro, ele me contou que a Yamaguchi-gumi esteve por trás da invasão do laboratório da Universidade de Kyoto, onde ocorreu uma morte. Tenho certeza de que o senhor ouviu algo a respeito. No mesmo incidente, alguns importantes cadernos de laboratório foram roubados, um problema do qual o senhor talvez não tenha conhecimento, pois o fato não foi informado para a imprensa. O governo está preocupado com esses cadernos, porque eles colocam em perigo a legitimidade das patentes da Universidade de Kyoto sobre a tecnologia iPS.

Hiroshi voltou a se recostar e bebeu um gole de seu uísque, devolvendo o olhar fixo de Hisayuki. Era evidente que ele estava mais surpreso com a sinceridade das afirmativas de Hisayuki do que com o próprio conteúdo delas, embora este também fosse surpreendente. A imprensa não mencionara especificamente a Yamaguchi-gumi, dissera apenas que a invasão fora um ato da Yakuza.

— Estou preocupado em saber se o senhor estava ciente da invasão. Podem ter sido feitos de um grupo desgarrado da Yamaguchi-gumi? Todos sabemos que a Yamaguchi está se expandindo muito depressa, o que talvez signifique que ela já não tenha a mesma coesão interna do restante de nós — disse Hisayuki, procurando fornecer uma saída ao rival, mas sem surtir efeito. A expressão de Hiroshi se enevoou.

— Nós nos sujeitamos à mesma estrutura de juramentos de irmandade *oyabun-kobun* que todos os outros — afirmou Hiroshi, com certa indignação. — Eu sou o *oyabun* da Yamaguchi-gumi. Eu sei o que minha irmandade está fazendo em todos os âmbitos.

— Meus comentários não têm a intenção de denegrir a Yamaguchi-gumi, de forma alguma. Todos temos muito respeito pela Yamaguchi-gumi, talvez até um pouco de inveja por seus êxitos mais recentes. Mas entenderei, por sua resposta, que o senhor estava ciente da invasão. Se for esse o caso, devo apresentar meu protesto formal por não ter me avisado sobre o que estavam fazendo, nem pedido ajuda. Nós, da Yakuza, temos, com o passar dos anos, aderido a essa política de cooperação para evitarmos guerras territoriais, e eu gostaria de ter certeza de que o senhor, no futuro, irá me contatar, se tiver qualquer necessidade na região de Kyoto. Não quero que isso seja um confronto sério, espero que não seja. Precisamos apenas manter o respeito entre nossas organizações, como tem sido o caso ao longo dos anos com toda a Yakuza.

— Nós, da Yamaguchi, temos o mais extremo respeito pela Aizukotetsukai — acrescentou Hiroshi, sem mudar de expressão.

Como era realista, Hisayuki sabia que a resposta de Hiroshi contornava o assunto, em vez de encará-lo. Não havia qualquer pedido de desculpas implícito, mas Hisayuki ficou satisfeito e tomou a resposta como o primeiro passo para uma solução. Kobe e Kyoto eram próximas geograficamente, portanto, era imperativo que o problema fosse reconhecido e, agora, pelo menos, estava sendo formalmente abordado.

Seguindo para o próximo tópico — a ameaça bastante concreta das ações da Yamaguchi-gumi à Aizukotetsukai —, Hisayuki disse:

— Se me permite, gostaria de saber por que o senhor, como *oyabun* da Yamaguchi-gumi, queria os cadernos do laboratório da Universidade de Kyoto e por que ajudou o dono dos cadernos e toda a sua família a fugirem para os Estados Unidos? O senhor não percebeu que isso ia contra os interesses do governo, contra nossos interesses como cidadãos japoneses, e, em especial, contra os cidadãos que investiram na empresa japonesa iPS Patent Japan?

— Talvez possa ter sido contra nossos interesses como cidadãos japoneses, mas não como executivos da Yakuza em meio à luta da economia global. O dinheiro e os esforços devem ser direcionados para onde terão mais rendimento, e não para onde sugere um governo burocrático e egoísta como o nosso. Ao contrário do que se diz, nosso governo não serve ao povo japonês. Só serve a si próprio, como a maioria dos governos no mundo de

hoje. Veja o que aconteceu aqui em Kobe no terremoto de 1995. Quem socorreu as pessoas e manteve a ordem nos primeiros dias, os mais terríveis? Foi o governo? Claro que não. Fomos nós, a Yamaguchi-gumi. O governo só veio depois, quando perceberam que seria um pesadelo para as relações públicas.

“Dei a ordem para ajudar esse Satoshi porque havia sido um pedido direto de nosso *saiko-komon* de Nova York, Saboru Fukuda. Talvez o senhor o conheça. Ele é de Kyoto, mas se mudou para Kobe para trabalhar nas docas, como trabalhador braçal, e acabou se unindo à família Yamaguchi-gumi. Nós reconhecemos seus talentos desde o início de sua carreira. É um homem de negócios muito esperto, bom administrador e um investidor intuitivo.”

— Eu não o conheço — respondeu Hisayuki balançando a cabeça, sem prestar atenção. Estava abismado com a afirmação de Hiroshi, que sugeria que, como executivo da Yakuza, não precisava ser patriota. A Yakuza sempre havia sido patriota. Era parte do contrato verbal que a Yakuza tinha com o governo.

— Fukuda-san não apenas triplicou nossos ganhos com jogos em Nova York, ele também anda lavando dinheiro por meio de alguns investimentos muito perspicazes com um esperto agente nova-iorquino. Esse agente de investimentos é ligeiro e não tem medo de dinheiro sujo, que usa como capital inicial para fundar empresas de risco em biotecnologia, sua especialidade. Normalmente, lavar dinheiro custa dinheiro, como você bem sabe, mas, com ele, estamos ganhando quarenta por cento sobre o valor original. Então, os rendimentos que Fukuda-san manda aqui para Kobe já estão limpos. Com esses resultados, eu tenho que dar cem por cento de apoio a ele. O que quer que ele me peça, consigo para ele e faço com toda a confiança e sem perguntas. Como somos organizações-irmãs, talvez possamos apresentar esse agente de investimentos para o senhor.

— Como já disse, não o conheço — falou Hisayuki, distraído.

— Kyoto perde e Kobe ganha — disse Hiroshi, como um pai orgulhoso. — Desde que eu mesmo o indiquei, há mais de cinco anos, ele vem comandando as operações da Yamaguchi-gumi em Nova York. Ele transformou a cidade em nossa filial mais lucrativa no exterior. Como a sua filial de Nova York anda se saindo, posso saber?

— Razoavelmente bem — respondeu Hisayuki. Em circunstâncias normais, ele nem teria reconhecido que havia uma filial de suas operações em Nova York, e muito menos dizer como ela estava se saindo, mas estava fazendo

perguntas tão confidenciais quanto essas, e Hiroshi estava respondendo. Hisayuki tinha que fazer Hiroshi continuar falando, porque precisava descobrir se ele tinha alguma ideia de por que seu *saiko-komon* queria ajudar Satoshi. Enquanto ele tentava pensar na próxima pergunta, sem entregar o motivo de sua curiosidade, tudo ficou repentinamente claro, e nesse momento, deixou seu queixo cair por ter demorado tanto para entender. O vice-ministro devia estar correto. A Yamaguchi, por meio de seu *saiko-komon* de Nova York, Saboru Fukuda, estava investindo na iPS USA, a empresa sobre a qual o vice-ministro falara. A explicação só podia ser essa.

— Se as suas operações em Nova York estão se saindo só razoavelmente bem — continuou Hiroshi, sem notar a epifania de Hisayuki —, então por que não nos unimos, fundimos nossas operações de Nova York e dividimos os ganhos proporcionalmente, de acordo com nossa folha de pagamentos? Nesses tempos difíceis, deveria haver mais cooperação entre os ramos da Yakuza, até mesmo aqui no Japão.

Trocando um rápido olhar com seu *saiko-komon*, Hisayuki se perguntou se ele havia chegado à mesma conclusão e ficou ansioso para questioná-lo, assim que entrassem no carro. Voltando a olhar para Hiroshi, que ainda falava sobre a ideia de unir as duas organizações, Hisayuki pensou em fazer uma pergunta bem direta a ele, como se a Yamaguchi tinha ou não alguma participação acionária na iPS USA. Ficou preocupado com a possibilidade de Hiroshi chegar a uma conclusão parecida, que a Aizukotetsu-kai tinha um envolvimento financeiro muito sério com a iPS Patent Japan, o que queria dizer que suas respectivas organizações estavam em conflito financeiro direto. É claro que Hisayuki não sabia se os investimentos eram sequer equivalentes, mas não achou que isso faria muita diferença. Era uma situação embaraçosa, pois os valores de mercado das duas empresas estavam conectados de maneira inversa, em uma conta cuja soma era zero: se uma empresa subisse, a outra iria, invariavelmente, cair. Guerras mortíferas dentro da Yakuza já haviam sido deflagradas em circunstâncias muito menos conectadas e definitivas, e Hisayuki teve um medo repentino de que isso também fosse acabar em guerra. A Aizukotetsu-kai simplesmente não podia se dar ao luxo de perder o que tinha investido na iPS Patent Japan, nem podia desistir, pois as reservas de caixa da empresa eram nulas.

“Será uma guerra”, profetizou Hisayuki, já planejando como limitar os efeitos colaterais e até mesmo terceirizar toda a confusão para Nova York.

— Então, o que você acha? — perguntou Hiroshi. Ele ficara aquele tempo todo sugerindo um tipo de parceria entre a Yamaguchi-gumi e a Aizukotetsu-kai, uma ideia que Hisayuki dispensou de imediato, pois sabia que, se isso acontecesse, a Aizukotetsu-kai seria engolida pela Yamaguchi. O conceito de parceira era um dos principais métodos de expansão da Yamaguchi-gumi. — Vou lhe dizer uma coisa, Ishii-san — prosseguiu Hiroshi, ao ver que Hisayuki não lhe dera uma resposta —, nós temos que aceitar que o mundo que conhecemos está mudando rapidamente, e nós, da Yakuza, temos que mudar também. O governo não vai nos deixar em paz, como no passado, dado que leis antigangues foram aprovadas em 1992. A situação só vai piorar.

— Quando me encontrei com o vice-ministro no outro dia, esse assunto veio à tona.

— E o que ele disse?

— Ele disse que as leis só passaram por razões meramente políticas e que não havia intenção de aplicá-las efetivamente.

— E o senhor acreditou nele?

— Ele falou que, se o governo quisesse mesmo aplicar essas leis, teria que ter aprovado algo similar ao *RICO*, dos Estados Unidos, o que não aconteceu, e tenho certeza de que não há nada desse tipo a caminho. Então, sim, eu acreditei nele.

— Com todo o respeito, Ishii-san, creio que o senhor está sendo muito confiante e até um pouco ingênuo — disse Hiroshi, iniciando um longo monólogo sobre sua visão do futuro junto ao governo japonês. — Em breve, a negligência benigna que tem caracterizado nossa relação vai se transformar e ficar cada vez mais antagônica. É muito razoável supor isso. Até mesmo nos dias de hoje, o governo tem inveja do dinheiro que eles acham que nós, a Yakuza, segundo a perspectiva deles, estamos sugando da economia e pagando pouco ou nada de impostos.

À medida que Hiroshi falava, Hisayuki ficava cada vez mais desconfortável, percebendo como seria fácil para a Yamaguchi-gumi esmagar a Aizukotetsu-kai, o que, temia ele, o outro poderia julgar apropriado se fizesse a associação entre interesses conflitantes em investimentos no que seria uma indústria de trilhões de dólares.

Hisayuki permitiu que Hiroshi continuasse seu discurso sobre o governo sem oferecer qualquer contra-argumento, como o fato de que o governo precisava da Yakuza. Achava isso e torcia para que, se Hiroshi permanecesse na

questão do governo contra a Yakuza, haveria menos chances de ele ter uma epifania perigosa.

— Nós, da Yakuza, temos que nos unir! — entoou Hiroshi, como um político em cima do palanque, voltando ao seu tema original de encorajar uma parceria entre as duas organizações. Hisayuki o deixou continuar, e até o incentivou um pouco, fazendo sim com a cabeça e sorrindo nos momentos certos, para dar a impressão de que ele estava pelo menos considerando a ideia.

Conforme Hiroshi continuava, de forma monótona, Hisayuki agradecia aos deuses por ter parado de falar no começo do encontro e não ter recomeçado como inicialmente planejara — ou seja, relatando a Hiroshi o que Hideki Shimoda, seu *saiko-komon* de Nova York, acabara de lhe contar naquela manhã. Às nove e meia, ele recebera um telefonema de Hideki, dizendo que, de acordo com as ordens, a ameaça às patentes de iPS da Universidade de Kyoto haviam sido significativamente reduzidas, porque, conforme requisitado, Satoshi e sua família tinham sido eliminados. Fora informado de que o ataque a Satoshi havia sido perfeito e que a morte certamente seria tida como falecimento por causas naturais de um indivíduo qualquer. O único problema, segundo as informações, era que os cadernos de laboratório continuavam desaparecidos.

Hisayuki respirou aliviado, pensando no quão perto chegaria do desastre, caso houvesse iniciado o encontro com tais revelações. Por certo, o resultado seria o contrário do pretendido, pois jamais pensou que Hiroshi pudesse estar pessoalmente envolvido.

Hiroshi interrompeu seu solilóquio de repente, no meio de uma frase. Vira Hisayuki suspirando e se lembrara de suas responsabilidades de anfitrião.

— Desculpe-me por me alongar tanto nesse assunto — falou, pondo-se de pé e se curvando levemente. — Os senhores devem estar famintos. Vejo que todos já terminaram suas doses de uísque. Está na hora do jantar e da diversão. — Fez um gesto apontando para a mesa e para o chef em seu uniforme branco ofuscante. — Por favor, nos traga comida e um pouco mais de álcool para celebrarmos nossa amizade.

Hisayuki se levantou ainda mais aliviado. Sabia que, assim que o saquê, a cerveja e o vinho aparecessem e o jantar começasse, junto com o que quer que Hiroshi tivesse planejado, ninguém mais falaria de negócios.

* * *

Mais de uma hora depois, assim que pareceu socialmente adequado, Hisayuki e Tadamasu pediram licença daquilo que tinha virado uma festa e tanto, dizendo que ainda enfrentariam uma hora e meia de estrada até Kyoto. Hiroshi tentara convencê-los a passar a noite no hotel, mas eles, educadamente, recusaram o convite, alegando que tinham compromissos em Kyoto bem cedo na manhã seguinte.

Apesar das preocupações, a partida foi tão calma quanto a chegada, sem quaisquer incidentes desagradáveis, e logo a comitiva de três carros estava na estrada rumo ao norte, a Kyoto. Hisayuki não disse uma palavra por muitos quilômetros, repassando tudo o que Hiroshi havia dito. Tadamasu, sabendo bem seu lugar, também ficou em silêncio.

— Bem — falou Hisayuki de repente. — O que você achou do encontro?

— Ocorreu tranquilamente, mas não são bons os presságios para o futuro.

— Penso exatamente o mesmo — concordou Hisayuki, segurando o suporte acima da janela do banco de trás. Fitava os campos escuros que passavam com rapidez. Tudo o que podia ver eram luzes baças nas janelas das fazendas; tudo o que podia ouvir era o zumbido abafado do motor poderoso do sedã. — Você ficou com a impressão de que a Yamaguchi-gumi está investindo na iPS USA? — perguntou de forma casual, para não influenciar a opinião do conselheiro.

— Definitivamente! Estava pensando em um jeito de dizer ao senhor, mas logo tive certeza de que o senhor já tinha notado. Creio que eles estejam significativamente envolvidos, pela forma como Fukazawa-san ficou falando sobre o agente de investimentos que seu *saiko-komon* arranjou.

— Amanhã faça com que nossos analistas do escritório RRTW descubram tudo o que puderem sobre o envolvimento da Yamaguchi-gumi com a iPS USA.

— O problema é que os valores de mercado da iPS USA e da iPS Patent Japan são inversamente proporcionais.

— E eu não sei? — murmurou Hisayuki, arrependido.

— Haverá problemas por causa disso.

— Eu sei. Precisamos de tempo para nos prepararmos para o pior. O mais importante, em curto prazo, é não deixar Hiroshi suspeitar de nada enquanto asseguramos a legitimidade das patentes da iPS Patent Japan. Livrarmo-nos de Satoshi foi bom, mas precisamos encontrar os cadernos de laboratório e destruí-los.

— A questão é, obviamente, onde estão esses cadernos de laboratório? Como não estavam com Satoshi nem na casa dele, só podem estar em poder da iPS USA.

— Ligue para Hideki e diga que ele precisa tomar posse dos cadernos de laboratório de Satoshi, se possível, mas o advirta que a Aizukotetsu-kai não pode aparentar envolvimento.

Tadamasa puxou o celular e começou a discar para Hideki Shimoda.

Hisayuki voltou a olhar para a paisagem escura e ficou pensando se havia algo mais que devesse comunicar a seu *saiko-komon* de Nova York, enquanto Tadamasa o mantinha na linha. Repassou a conversa daquela manhã, lembrando que Hideki lhe dissera que o assassinato de Satoshi fora perfeito e seria interpretado como a morte natural de um homem qualquer. Hisayuki esperava que fosse verdade, em especial a parte da causa natural, porque, se a morte fosse considerada um assassinato e a Yamaguchi-gumi descobrisse que a Aizukotetsu-kai estava envolvida, havia grandes chances de que uma guerra estourasse quase imediatamente.